



UNIVERSIDADE FEDERAL RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARISA SANHA

**MANIFESTAÇÃO DA ANCESTRALIDADE CORPORIFICADA NO ATO DE TRANÇAR O
CABELO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS E AFRICANAS
RESIDENTES EM PORTO ALEGRE-RS (1960-2009)**

PORTO ALEGRE

2024

MARISA SANHA

MANIFESTAÇÃO DA ANCESTRALIDADE CORPORIFICADA NO ATO DE TRANÇAR O
CABELO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS E AFRICANAS
RESIDENTES EM PORTO ALEGRE-RS (1960-2009)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Rivair Macedo

Porto Alegre

2024

BANCA EXAMINADORA

DATA DE DEFESA: 23/02/2024

Prof. Dr. José Rivair Macedo (Orientador)

Profa. Dra. Fernanda de Oliveira

Profa. Dra. Maria Conceição Lopes Fontoura

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Madalena, que com muito sacrifício e esforço criou a mim e as minhas irmãs Cornélia, Hesperia, Sali, Nené e Yoni, e a meus irmãos José, Ananias e Geremias.

Agradeço ao meu pai Ibo Sanha, em memória, e a todos os meus ancestrais, por tudo que vivi e aprendi com ele apesar de pouco tempo de convivência, porém acredito que ele é o meu maior ancestral.

Agradeço imensamente o Farã Vaz, meu namorado, companheiro e amigo, pelo incentivo de pesquisar esse tema no meu trabalho de conclusão do curso, pela troca de experiência, pela abertura que demonstrou sempre que quis conversar sobre meu curso.

Meus agradecimentos aos meus professores e professoras de séries iniciais, do ensino médio e fundamental. Meus agradecimentos especiais aos professores com que tive imenso prazer em aprender durante a minha graduação na UFRGS.

Agradeço de modo especial ao professor Alan Alves Brito, que contribuiu na definição do tema, também parte do meu trabalho de Iniciação Científica no âmbito do Programa Ciência na Escola, Ciência na Sociedade da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS.

Agradeço às entrevistadas, sem as quais este TCC não seria possível. Sei que não é fácil falar sobre algo que nos fere tão profundamente quanto o racismo e, por isso, sou imensamente grata pela generosidade e confiança em partilhar comigo memórias tão íntimas e pessoal. Aos colegas de graduação em História. Larissa Fontoura, primeira colega que conheci quando pisei meus pés na universidade no dia da matrícula. Jonathan Souza de Oliveira, pela leitura atenta do meu projeto. A Muara Farias, Duan Kissonde, Gilberto Brazil e Lucas Pitthan pelas trocas de ideias e experiências.

Por fim e não menos importante, agradeço imensamente ao meu professor orientador, José Rivair Macedo, primeiro agradeço por ter aceitado ser o meu orientador do TCC, pela paciência em me orientar nesse trabalho de conclusão, pelas dicas e sobretudo pela sua compreensão.

Agradeço imensamente à banca examinadora, na pessoa da professora Fernanda de Oliveira e da professora Maria Lúcia Conceição Fontoura, por terem aceitado fazer parte da banca, pela leitura atenta deste trabalho e pelas sugestões que serviram de aprendizado. Agradeço à Professora de Letras, Gabriela Bulla pela disponibilidade, leitura autêntica e revisão deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer à Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida, da qual fiz parte aqui no Brasil durante 3 anos. Agradeço particularmente à irmã Nita por todo apoio e incentivo.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram na minha jornada acadêmica.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir como a constituição histórica compreende a noção do cabelo próprio e trançado na população afro-brasileira. Queremos destacar que o semblante e a identidade expressos nas tranças africanas são históricos, sendo indicadores da idade e do estatuto social; constitui uma arqueologia de saberes que se diversifica em diferentes grupos sociais, pois o cabelo é um dos principais elementos da afirmação de identidade social. Como ponto de partida, analisaremos diferentes fontes primárias de estudo, concentrando-se na oralidade, na imagem, em vídeos e em escritos que possam contribuir no desenvolvimento desta pesquisa. Discutiremos a transição capilar que é, na atualidade, uma mudança bastante comum entre as mulheres negras que anos atrás alisavam os seus cabelos, com intuito de encaixar no padrão do racismo, dita beleza, que valorizava o cabelo liso, enquanto o cabelo crespo era visto como “ruim”. Diante de tanta luta, as pessoas negras voltaram a assumir o seu cabelo natural deixando de lado a química e iniciando cuidados capilares para o uso do cabelo de forma natural. A nossa problemática é entender a dimensão da identidade negra no arranjo dos cabelos e também considerar as manifestações ancestrais corporificadas no ato de trançar cabelo, que vai além da arquitetura do belo e do estético independentemente da raça, cor ou ocupação social. Queremos também compreender como podemos discutir a identidade negra por meio do uso das tranças na diáspora afro-gaúcha, a partir de entrevistas de história oral com mulheres negras residentes em Porto Alegre.

Palavras-Chave: Identidade; Cabelo natural; Tranças; Ancestralidade; Penteados Afro.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the historical constitution understands the notion of own and braided hair in the Afro-Brazilian population. That said, we want to point out that the countenance and identity expressed in African braids are historical, being indicators of age and social status; it constitutes an archaeology of knowledge that is diversified in different social groups, since hair is one of the main elements in the affirmation of social identity. As a starting point, we will analyze different primary sources of study, focusing on orality, image, videos and writings that can contribute to the development of this research. We will discuss the hair transition, which is currently a very common shift among black women who, years ago, straightened their hair in order to fit into the standard of racism, the so-called beauty, which valued straight hair, while curly hair was seen as "bad". In the face of so much struggle, black people have returned to their natural hair, abandoning chemical treatments and starting to take care of their natural hair. Our problem is to understand the dimension of black identity in the arrangement of hair and also to consider the ancestral manifestations embodied in the act of braiding hair, which goes beyond the architecture of beauty and aesthetics regardless of race, color or social occupation. We also want to understand how we can discuss black identity through the use of braids in the Afro-Gaucha diaspora, based on oral history interviews with black women living in Porto Alegre.

Keywords: Identity; Natural Hair; Braids; Ancestry; Afro-Hair.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Alisamento ao pente quente no Brasil. Fonte: Internet, 2024.

Figura 2- Transição capilar. Fonte: Internet, 2024

Figura 3- Remete endereço de um dos primeiros salões étnicos de trança africana.

Figura 4- Trança nagô. Fonte: Elaborada pela autora, 2024

Figura 5- Penteado Mbalantu da Namibia.

Figura 6- Trança fulani, em Guiné Bissau, da etnia fula, que também pode ser vista em outros países da África.

Figura 7- Trança fulani da República Democrática do Congo.

Figura 8- Foto do Penteado Mangbetu, da República do Congo.

Figura 9- Penteado de mulheres com diferente idade do oeste da África.

Figura 10- Penteado chamado tanavoho, de Madagascar.

Figura 11- Penteado tanavoho da mulher mais jovem de origem malgaxe (Madagascar)

Figura 12- Penteado nontombis mulher e jovem do sul de Angola de etnia Mwila

Figura 13- Trança conhecida hoje na modernidade como “coque”, pode ser imitação do penteado Mangbetu, da República do Congo, antigamente utilizado por rainhas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. SIGNIFICADO DE CABELO NATURAL PARA MULHERES NEGRAS RESIDENTES EM PORTO ALEGRE.....	13
3. ALISAMENTO E TRANSIÇÃO CAPILAR	19
4. O CABELO NATURAL E AS TRANÇAS: IDENTIDADE, ESPAÇO PÚBLICO E RACISMO	27
5. O SIGNIFICADO DAS TRANÇAS NA ÁFRICA E NA DIÁSPORA.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXO 1. DADOS SOBRE AS ENTREVISTAS COM MULHERES NEGRAS RESIDENTES EM PORTO ALEGRE (2023 PRESENCIAL).....	56
ANEXO 2. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar quais os significados do cabelo natural/trançado para mulheres negras na África e na diáspora que passaram pelo processo de transição capilar. Na nossa atualidade, o cabelo vem sendo fortemente reconhecido pelo seu papel estético e emocional (Gomes, 2002), uma vez que, historicamente, o cabelo de pessoas negras servia de múltiplos significados e até desempenhava funções políticas de resistência contra o racismo e a escravidão. Mas, ainda hoje, segue sendo objeto de não reconhecimento e até de autonegação.

A motivação para a escolha deste tema também está ligada ao fato de eu ser mulher negra nascida em Guiné Bissau e, desde criança, usar as tranças como algo cultural. Atualmente, trabalho como trancista profissional há mais de 10 anos algo que me possibilitou ter contato direto com público na sua maioria mulheres negras, ouvindo seus relatos e suas experiências com o cabelo natural, despertou em mim a vontade de pesquisar e aprofundar mais sobre cabelo crespo e trançado. Vi a profissão de trancista aqui no Brasil como uma necessidade e oportunidade. Hoje sou empreendedora e, além disso, trabalho com o curso de tranças africanas. Argumento no presente trabalho que a importância do tema no campo da história e das ciências sociais/estudos culturais possibilitará a desconstrução do racismo sobre o cabelo e o uso de trança que vem sendo reduzido à sua função estética.

Um outro fator que motivou este trabalho foi a percepção do quão difícil é, para mulheres negras de cabelo crespo, tanto africana como da diáspora, o processo de transição capilar de um cabelo quimicamente tratado para o retorno ao cabelo natural. É um processo complexo, às vezes dolorido, de grande importância simbólica e emocional, porque de certa forma mexe profundamente com a construção da autoestima. Entendo que a transição capilar vai além de um fenômeno puramente estético, já que se trata de uma forma de expressão que não pode ser pensada de forma dissociada do seu caráter social e político. Assim como entender que a arte de trançar vai além da estética é mais cultura e história de um povo.

O trabalho tem como objetivo discutir e entender como a prática de trançar o cabelo acaba constituindo um patrimônio para a população negra na diáspora, uma manifestação da ancestralidade Africana. Além disso, busca não apenas destrinchar a problemática do uso das tranças e do cuidado com o cabelo, como também conhecer os diferentes penteados e os significados que eles carregam, herdados da ancestralidade negra africana. Ao longo do trabalho, espero que as pessoas leitoras possam ser provocadas a se questionar: existe manifestação da ancestralidade corporificada no ato de trançar o cabelo além da arquitetura para fixar o belo-estético no corpo? Nosso interesse com esta questão não é apenas de buscar respostas para o esgotamento do seu sentido objetivo ou lato. Alternativamente, serve

de instrumento de orientação para melhor apresentarmos as possíveis construções alcançadas durante as entrevistas que fizemos com mulheres negras brasileiras e as mulheres africanas residentes em Porto Alegre.

As entrevistas foram feitas do dia 13 ao 21 de novembro de 2023; foram entrevistadas 6 mulheres das quais 4 são brasileiras e 2 africanas, uma de Guiné-Bissau e outra de Angola. Como estabelecido para a coleta, selecionamos mulheres negras que viveram a infância e juventude em diferentes épocas, desde os anos 1960, outras de 1990 e outras mais jovens de 2009. A Entrevistada 1 tem 62 anos, a entrevistada 2 tem 29 anos, a entrevistada 3 tem 14 anos, a entrevistada 4 tem 73, a entrevistada 5 conta com 30 anos e a entrevistada 6 tem 26. A escolha de mulheres com diferentes idades, que vivenciaram a mudança com relação ao cabelo natural, de contextos diferentes, permitiu assim ter diferentes informações com relação à mudança que o cabelo das mulheres negras passou. O nome das entrevistadas não será citado para poder preservar o seu anonimato; no trabalho elas serão citadas simplesmente como Entrevistada 1, 2, 3 e assim sucessivamente; no final do trabalho será anexado o roteiro da entrevista.

No nível empírico, utilizo da minha própria experiência como trançista profissional de um público majoritariamente negro. E também serve desta forma de uso de experiência, o diálogo com alunos e mulheres no salão, que me possibilitou construir/problematizar as percepções sobre o uso de tranças além do seu sentido positivo estético.

Diante da problematização apresentada em perguntas, presumimos que o uso de tranças perpassa a prática que busca alcançar o belo. Isto é, quando se percebe que o uso de tranças provém de uma herança ancestral que envolve corporeidade, identidade, história e resistência de um determinado povo. E para ajudar a entender esse conceito utilizamos o texto da Nilma Lino Gomes (2002), em que defende a identidade negra como uma construção social, histórica, cultural e plural, e exige um olhar mais amplo, um olhar que permite olhar além de minoria e perceber o quanto isso tem um significado importante, pois a identidade representa um grupo de pessoas, pessoas que compartilham um mesmo costume, características físicas e social, tudo isso implica a construção do olhar de um grupo étnico racial.

A percepção esteticista não precisa ser abandonada, desde que cumpra a função positiva no que tange o realce da autoestima. Por outro lado, o aspecto estético acaba sendo abstrato pela sua conversão em valor de troca; ou seja, este se assume como sendo válido pelo quanto é capaz de significar no mercado de troca. Desse modo, o uso das tranças acaba sendo subalternizado e reduzido a uma simples prática de se sentir bem.

Além da introdução, o trabalho está organizado nas seguintes seções: na seção 1, apresentamos o significado de cabelo crespo para mulheres negras de Porto Alegre; na seção 2, discutimos o

alisamento do cabelo crespo e a transição capilar; na seção 3, elencamos os sentimentos manifestados por diferentes mulheres estando com cabelo natural ou trançado nos espaços públicos e o racismo sofrido por elas; e, finalmente, na seção 4 apresentamos o significado das Tranças na África e na diáspora, seguindo-se as considerações finais.

2. SIGNIFICADO DE CABELO NATURAL PARA MULHERES NEGRAS RESIDENTES EM PORTO ALEGRE

A vergonha das crianças e adultos negros com seus cabelos não constitui a subalternização no corpo da Antônia. Porque a imaginação lhe possibilita questionar sobre o universo. Com suporte da beleza dos seus cabelos, ela sente a liberdade, sente formulada a suas ideias e coragem de questionar sobre o universo. Ela emana que toda a criança é um potencial cientista. Esta potencialidade lhe deu a possibilidade de tornar-se um dia “uma astronauta, uma astrofísica ou outra atividade em uma área afim”, conforme aparece numa inspiradora obra de ficção. A ousadia e liberdade da Antônia de perguntar à mãe e ao mundo sobre as coisas consistiram-lhe numa “determinação” de se tornar uma cientista. Isso com as suas viagens no pensamento por meio da dança na órbita da estrela comumente chamada Sol. A personagem de Antônia brilha em tudo que ela é apresentada. Desde os olhos, saltos, vontade de saber, descobrir, suas curiosidades etc. “Ela revela o quanto a imensidão do cosmo a inspira, por isso ela baila com ele no compasso de quem se lembra de que é poeira das estrelas e herdeira da ancestralidade negra africana”. O incessante desejo de saber mais da Antônia revela uma vontade de busca do significado de sua origem.

Com base nos brilhos posto na corporeidade da Antônia que Alan Alves Brito (2022), astrofísico negro brasileiro busca levar as crianças negras a caminharem com o poder dos seus brilhos pelo caminho da ciência, sobre o sistema planetário, os astros, as estrelas, a matéria escura, a energia escura e os elementos químicos. E o conhecimento destes elementos possibilita às crianças trazer novas contribuições científicas aos desafios da nossa “casa comum” e dos nossos relacionamentos dentro dele.

Assim também, presumo-me que, o conhecimento sobre nosso cabelo está além de saber tratá-lo, passa pela possibilidade de impulsionar certa potencialidade de enxergarmos o mundo e sermos enxergadas/os partir dos olhares que não nos subalternizam e nem tão pouco conformam nossos corpos a espaço de violência e redução da nossa humanidade, ancestralidade com brilho negra. Por isso, a memória, identidade, história, ancestralidade nos perseguirá para sempre por sermos o que somos e dele somos extraídos para estranharmos nossos próprios cabelos.

No livro *Sem perder a raiz* (GOMES, 2019), somos estimulados a refletir sobre corpo e cabelo crespo com suas características próprias, como a cor da pele, o formato do nariz, da boca, dos olhos, dos lábios, do queixo, do crânio e a textura do cabelo. Todas essas características fazem parte do corpo do negro e estão visíveis aos olhos da sociedade, sujeitos ao ataque racista a qualquer momento, assim como o cabelo crespo.

Para a nossa primeira Entrevistada, o cabelo é tudo, pois com o cabelo a mulher se sente mais bonita ou feia dependendo do jeito que o cabelo estiver: “o cabelo tem a ver com a nossa autoestima” (Entrevistada 1). Segundo ela, no final da década de 1960, quando tinha que sair para ir aos espaços públicos, como em festas, ao serviço, ir ao banco ou ao mercado, a preocupação era sempre com o cabelo e só depois a roupa.

Já a segunda Entrevistada, que é uma mulher africana, tem uma outra concepção com relação ao cabelo crespo. Para ela, o cabelo é beleza, resistência, já que desde pequena foi ensinada a gostar do cabelo dela e não vê anormalidade nisso, acolhe com tranquilidade isso porque cresceu num ambiente onde todo mundo tinha cabelo igual tanto em casa, como na escola e em outros ambientes. Tendo o ano de 1995 como referência, afirma: “O cabelo para mim significa resistir sim” (Entrevistada 2). Ao ouvir o relato dela é possível perceber que não se trata de alguém que se preocupava ou sofria por ter cabelo crespo: ter cabelo crespo não era um problema para as africanas, porém tem um pouco da sua vivência fora da África. Mas será que as mulheres africanas na década de 1960 até início dos anos 2000 sabiam se o cabelo delas era crespo?

Ainda com base no texto do livro *Sem perder a raiz*, Gomes afirma que “desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram projetados os cânones da estética humana” (2019, p. 21). A terceira entrevistada, que é uma jovem nascida em 2009, traz outra visão sobre o cabelo, que está ligada diretamente com a questão da identidade e da negritude. Percebemos que por ser muito jovem ela já tem uma visão diferente, uma visão de quem tem referência em casa, na mídia e até no espaço escolar, algo que 50 anos atrás era raro. Lembrando que a concepção e as experiências que as jovens negras têm hoje com relação ao cabelo crespo é diferente, da experiência dos anos 1960-80, quando surgiram movimentos negros fortemente, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Em suas palavras: “Hoje é diferente dos anos atrás, que olhava o cabelo crespo como um problema” (Entrevistada 3). Então, se é um problema, precisa ser solucionado. Vale destacar que nos últimos dez anos se percebe que a mulher negra já tem mais letramento racial e se aceita mais.

Apesar da construção contemporânea da identidade das mulheres negras em relação ao cabelo crespo, vale salientar que, as mulheres passaram pelo processo de não aceitação das características negras, da negação do cabelo/corpo, e eram obrigadas a alisar o cabelo, e esse processo acontecia no ambiente escolar e familiar. Nele, as moças ouviram e aprenderam, como indivíduo social, a pensar os cabelos crespos como se fossem “ruins”, “feios” e “difíceis de cuidar”. Algumas levaram mais de trinta anos alisando o cabelo, como o caso da entrevistada 1, que deixou a química de lado em 1990, com influência de movimentos sociais em meados das décadas de 60 e 80 no contexto brasileiro e norte-americano, como o movimento *black power*.

Em função disso, “nosso” corpo juntamente com seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade. Por meio das relações raciais tanto no Brasil como em outros lugares do mundo marcados pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal de inferioridade, ao contrário do branco que se autoatribuiu uma identidade corporal superior. Conforme Gomes, “o corpo humano como motivo de arte é uma realidade inerente a todas as culturas e civilizações” (2019, p. 21). Isso significa que sua aparência pode assumir significados positivos ou negativos para as pessoas. Por exemplo, uma das entrevistadas, que já é uma senhora, pois nasceu no final dos anos 1950, fala da sua experiência quando era mocinha na década 1970. Para ela, o cabelo crespo é muito rebelde e era difícil de cuidar: “o meu cabelo era o mais rebelde de todos, e era muito sofrimento eu sofria muito porque era muita dificuldade para arrumar” (Entrevistada 4).

Geralmente as mulheres com mais idade têm uma lembrança de relação com o cabelo um pouco mais delicada e sensível, tendo em vista que, na época delas, era mais difícil aceitar o tipo de cabelo que tem, pois, a sociedade e a mídia não valorizavam a beleza negra, e elas tinham que procurar um jeito de se encaixar no padrão da beleza determinado pela sociedade.

É por isso que Gomes (2002) se debruça justamente sobre o processo da construção da identidade negra a partir de atividades estéticas desenvolvidas nos universos dos chamados “salões étnicos na cidade de Belo Horizonte”. Sua pesquisa mostra como esse processo é um trauma vivido por algumas mulheres negras de forma tensa, conflituosa e ambígua. Para alguns, mudar o cabelo crespo graças às novas técnicas ou produto de “relaxamento” e ao uso de novos cosméticos pode significar a fuga do corpo negro, daquilo que você tem e vê, da sua condição natural e a busca de um novo corpo que se assemelharia com o referencial branco de beleza. Com relação a isso, ainda afirma que, não faz muito tempo que o uso do “pente quente” e dos cremes químicos nocivos para alisar o cabelo deixou de ser prática em alguns países da diáspora negra e no próprio continente negro”. Contudo, isso não significa que não se usa mais, mas sim que algumas já assumiram seu black.

Por um lado, Denise Bispo dos Santos (2019) afirma que parte das mulheres negras no contexto atual continua obedecendo a prática de alisamento dos seus cabelos e para algumas delas ainda é relevante, pois acreditam que é mais fácil cuidar do cabelo liso do que do cabelo crespo. Pessoalmente, acredito que tanto cabelo liso como cabelo crespo exigem um tipo de cuidado diferente, de produtos adequados conforme a necessidade e a textura de cada fio.

Para além do cabelo, em alguns países africanos, chegou-se até a usar certos cremes para clarear a pele. Pelo conhecimento pessoal, algumas mulheres no continente africano, como é o caso do Senegal e da Nigéria, ainda enfatizam que existe essa prática de clareamento da pele e isso não deixa de ser uma violência contra o próprio corpo como acontecia (e acontece) no alisamento do cabelo. Isso mostra até onde se pode ir devido à não aceitação da própria cor de pele e do processo de alienação do corpo negro simbolizado pela cor e pela textura do cabelo. O cabelo é analisado, na obra de Nilma Lino Gomes, não

apenas como parte do corpo individual e biológico, mas, sobretudo, como corpo social e linguagem; como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural da população negra (2002, p. 21).

No mesmo sentido, uma das entrevistadas, que é africana de Guiné-Bissau, conta que o seu cabelo crespo é identidade já que é diferente do cabelo liso. Ao ouvir a afirmação dela, pode-se perceber que, na África (especificamente, na Guiné-Bissau), o cabelo natural ou trançado está ligado à questão identitária étnica e não necessariamente à questão racial, como é visto na diáspora (Entrevistada 5). Aqui no Brasil e em Porto Alegre, o cabelo está relacionado à questão de “raça”. Entretanto, a “etnia” determina as características de um grupo por seus aspectos socioculturais, ligados a um território. Em algumas sociedades africanas, está relacionada a um grupo que compartilha a mesma língua, dança, vestimentas, entre outras querenças. Enquanto que a “raça” é um conceito que, conforme Kabengele Munanga (2004), diz respeito à descendência, à linhagem, ou seja, a um grupo de pessoas que têm a mesma cultura, um ancestral comum e possuem algumas características físicas em comum, como no caso do cabelo das pessoas negras, a cor da pele.

Lembra, também, as estratégias do regime escravista na tentativa de anular a cultura do povo negro. No regime escravista, a “lida” do escravo implicava trabalhos forçados no Egito, na casa-grande na mineração. Implicava, também, a violência e os açoites impingidos sobre o corpo negro. Entre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade. (GOMES, 2019, p. 30).

Para outra das entrevistadas, o cabelo crespo significa sofrimento: “eu nunca gostei do meu cabelo pelas coisas que eu escutava dos outros sobre ele”. Ela conta que, em 2005, quando tinha 7 anos de idade, a mãe dela alisou o cabelo pela primeira vez usando o produto Amacihair com o intuito de dar menos trabalho, soltar os cachos, pois o cabelo dela sempre foi muito cheio e embaraçava com facilidade, isso foi no final da década de 1990 (Entrevistada 6). Então, para dar menos trabalho para ela, preferiu cabelo alisado em vez do crespo. Ela lembra também que, quando completou 8 anos, a família se mudou de São Paulo para o Rio Grande do Sul. Como criança, nunca tinha entendido que o cabelo dela era crespo, mas na medida em que foi crescendo percebeu aos poucos quem ela era e começou a entender o que era sofrer *bullying* por causa da textura do seu cabelo.

Desde então eu comecei a sofrer bullying (racismo, grifo meu) das outras crianças, visto que eu era a única menina de cabelos crespos, ouvia comentários como; cabelo ruim, cabelo duro, cabelo de bruxa, por conta disso comecei a odiar meu cabelo por causa da padronização que só o liso era bonito. Dali comecei a fazer relaxamento com mais frequência e lembro que o produto ardia minha cabeça, mas “aguentava” porque era por uma “boa causa”. Usava o cabelo sempre preso, ou com um coque ou com um rabo de cavalo, porque minha mãe tinha receio que eu pegasse piolho, os meninos me chamavam de careca, porque o meu cabelo não tinha o mesmo balanço que um cabelo liso. (ENTREVISTADA, 6).

Com ouvido atento e acolhedor, pude perceber que a infância dela foi marcada por vários momentos de racismo, de medo e de não aceitação pelas pessoas que conviviam com ela, principalmente as “coleguinhas”, por conta do seu cabelo. Isso influenciou muito para que também não gostasse do seu cabelo como parte do seu corpo, tanto que lembra detalhadamente dos acontecimentos, dos anos e idades que ela tinha. Ela também apontou que se espelhava muito na boneca Barbie; na época tinha várias, porém não preta e um dia comentou com coleguinhas da escola que ia ganhar uma Barbie Ultra Hair Mechas e uma coleguinha a reprimiu dizendo que aquela mecha não ia combinar no cabelo dela, “até porque na propaganda dessa só tinha Barbie brancas” (Entrevistada 6), isso já em 2008.

Devemos levar em consideração que a não aceitação do que somos tem a ver com as vivências pessoais, desde a infância, e que a construção da nossa identidade se dá na infância. Dessa forma, fica mais fácil de aceitar as características próprias de pessoas negras, já na relação com o outro, ele precisa apenas de respeito e consideração. Entre as múltiplas identidades sociais que os negros e as negras constroem, a identidade negra é uma delas. Segundo Gomes (2002), ao falarmos do cabelo crespo do negro ou negra, é difícil não falar sobre a identidade negra, pois é algo que não tem como desvincular um do outro. E nessa pesquisa, é algo que pode ser visto não somente a partir do olhar do negro; ele também pode ser visto através do olhar de quem não é negra.

Dessa forma, durante a entrevista com diferentes mulheres negras em Porto Alegre, percebi que a relação com o cabelo na infância quase é a mesma: a maioria levou tempo até descobrir a sua identidade, assim como não sabiam cuidar do seu próprio cabelo antes dos 12 anos; algumas a mãe era a pessoa responsável para cuidar do cabelo. A Entrevistada 6 afirmou que não sabia se pentear e muito menos arrumar o seu cabelo, quem sempre cuidava de cada detalhe do seu penteado era a mãe, tanto que não gostava de dormir num lugar que não tivesse a mãe dela para fazer penteado no seu cabelo no dia seguinte. Recorda que com 11 anos ainda não tinha aprendido a arrumar o seu próprio cabelo, enquanto as outras meninas de cabelo liso já se penteavam sozinhas para ir à escola. Isso a deixava constrangida e preferia guardar segredo só para ela. Depois, com 12 anos, começou a aprender a se

pentear e fazer “rabo de cavalo”, era o jeito mais simples e fácil de fazer sozinha; na mesma época aprendeu a desembaraçar o cabelo embaixo do chuveiro.

O meu cabelo danificou muito e sem forma por conta do excesso de relaxamento que fazia. Eu também tinha uma amiguinha, e a mãe dela ficou amiga da minha mãe, e nesse dia eu dormi na casa delas com a promessa que a mãe dela arrumaria meu cabelo na manhã seguinte para a escola. A mãe da menina ao pegar nos meus cabelos disse: "mas como que se arruma isso", fiquei muito triste nesse dia, meu cabelo ficou muito mal arrumado e as outras crianças chamavam meu cabelo de "gordo" (ENTREVISTADA 6).

O depoimento anterior da nossa entrevista demonstra diversas possibilidades, tanto de problematizar, como logo entender que existe uma carência de conhecimento sobre a relação com o nosso próprio corpo e seu cuidado. Ou seja, ninguém nasce sabendo tomar banho. Se aprende, primeiro passar as mãos na barriga, na cara, nos sovacos, nas pernas e nas nádegas. Até podemos saber passar as mãos na cabeça, mas se não formos ensinados a tratar o que lá se encontra, dificilmente saberemos que cabelo é uma só parte do nosso corpo que precisa de ser tratadas de outra maneira. Além disso, o depoimento nos demanda apreender ser transgressor da nossa própria vergonha que a sociedade com seus mecanismos de regulação e dominação – racismo e pré-conceito – nos impõe. Com isso, queremos dizer que se precisa ensinar, não só crianças negras e negros, a olhar e sentir o que é chamado na entrevista como vergonha, de outra maneira. Isso, dificilmente não pode ser alcançado sem, no entanto, considerar os processos históricos que constituem os nomes e conceitos sobre os corpos.

3. ALISAMENTO E TRANSIÇÃO CAPILAR

Partindo da experiência própria e do conhecimento através das vivências e dos relatos obtidos com outras mulheres negras, é possível afirmar que houve um período em que a prática do alisamento era muito comum entre as mulheres negras na África e na diáspora, apesar de que, na África, a prática de trançar o cabelo é mais evidente. O marco do reconhecimento positivo de ser negro refere-se ao conceito de negritude, de orgulho de ser negro, nos anos 1960 e 1970, com os movimentos “black is beautiful” e “black power”, os movimentos civis nos Estados Unidos, os Panteras Negras, assim como as lutas de independência nos países africanos: Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O cabelo crespo passou a significar orgulho e poder. A valorização da herança africana e da cultura negra pareceu essencial. O permanente-afro nos anos 1980, relaxamentos e alongamentos nos anos 1990, black power estilizado a partir dos anos 2000, no século XXI, “o cabelo do negro atrai a nossa atenção” (Gomes, 2019, p. 31). Incontestavelmente, para o negro e a negra, o cabelo crespo ou trançado carrega significados ancestrais, culturais, políticos e sociais.

Evidentemente, a prática do alisamento foi imposta ao povo negro sem direito de escolher se queriam ou não; a prática durou décadas até o surgimento dos movimentos negro como Black Power dos anos 1960. A violência brutal contra o corpo e cabelo de pessoas negras demorou décadas, porém principalmente a força conjunta de movimentos negro na diáspora ajudou. Assim, a estética negra está sendo construída com a contribuição dos/as negros/as brasileiros/as a partir de uma memória estética ancestral vinda da África e da vivência em território brasileiro, ou melhor, uma implantação na diáspora.

Nossas entrevistadas vivenciaram esse avanço. Uma delas contou sobre o primeiro produto que usou para alisar o seu cabelo e sobre o procedimento químico que ela fez no seu cabelo. Como a maioria das negras da época dela, da metade da década de 1960, ela usava o “pente quente” (Figura 1) para poder alisar o cabelo e, depois, começou a usar o produto cosmético de tratamento capilar Henê Marú para alisar o cabelo. Ela relembra que o cabelo dela por sua vez teve muita dificuldade para alisar do jeito que era esperado e assim foi desistindo do uso do produto químico e começou a colocar mega hair: “Era um custo muito alto” (Entrevistada 1).

Ainda sobre o alisamento, é importante citar a história de Madame Walker. Em 1905, nos Estados Unidos, Madame C. J. Walker utilizou sua experiência como vendedora de porta em porta para lançar seus próprios produtos de beleza, principalmente o LX capilar. Depois de ter perdido o seu cabelo por falta de produto adequado para cabelo de negras, conheceu o produto para cabelo de mulheres negras que ajudou no crescimento e a recuperar a sua autoestima. Uma vez ouviu da sua patroa Addie (Carmen

Ejogo) que as mulheres de cor faziam qualquer coisa para ficar igual a ela, “mesmo que no fundo soubessem que não iriam ficar”. A palavra tem poder: pode erguer uma pessoa assim como pode deixá-la para baixo; a palavra machuca, mas também transforma. Os produtos de Madame Walker buscavam oferecer às mulheres negras norte-americanas a cura para as feridas no couro cabeludo, resultado dos abusos dos tratamentos capilares. Ela se inspirou nas condições do seu próprio couro cabeludo e da sua experiência como mulher preta.

Conforme se pode assistir na série de televisão A vida e história de Madam C. J. Walker (2020), apesar de tantas críticas que se fez a essa personagem, sempre associada ao alisamento e à consequente “imitação” da branquitude, à condição daquelas pessoas vistas como privilegiadas por terem cabelo “bom”, percebe-se que ela ofereceu às mulheres negras uma oportunidade de fugir das imagens negativas do cabelo crespo em favor do cabelo considerado “bom”, o que abriu portas econômicas e sociais. E, apesar de Walker não se colocar contrária ao alisamento capilar, ela via seu sistema como uma alternativa para as mulheres negras elevarem a baixa autoestima causada pela agressão contra o cabelo crespo.

Figura 1: Alisamento ao pente quente no Brasil.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch>>. Acesso em 16/01/2024.

Neste contexto de alisamento de cabelo com ferro quente, o belo é buscado por meio da imitação. Por exemplo: alisar cabelo é imitar

Para igualar ao padrão. Nesse sentido, a frequência aos salões afro será muito importante para a recuperação da identidade e da autoestima. Eles se tornaram espaços das longas e complexas histórias e trajetórias sociais e raciais, trajetórias individuais e comuns. Segundo Nilma Gomes, “a expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade. (...) Ressalto ainda que não se pode falar em raça, numa perspectiva política, sem destacar o contexto e as contingências históricas nas quais os negros constroem as suas experiências sociais e identitária” (p. 36).

Figura 2: Transição capilar.



Fonte: <<https://blog.trinks.com/transicao-capilar>>. Acesso em 16/01/2024.

Levando em consideração que o padrão de beleza na época dos anos 60 era idealizado, muitas negras caíam na onda da beleza que invisibilizava a beleza negra, mesmo que não gostassem.

Acredito que na medida que foram dando-se conta que aquilo não estava fazendo bem para a sua autoestima, começaram a fazer o processo de transição capilar, deixando a química e assumindo seus cabelos naturais, ou trançado. Como disse uma das entrevistadas, “Eu me sinto livre quando uso tranças, consigo fazer vários penteados diferente do que quando eu alisava o cabelo” (Entrevistada 1).

Dessa forma, podemos reconhecer que o processo de alisamento está relacionado ao colonialismo, à “branquitude”; alisar não é simplesmente um recurso da modernidade, pois alisar o cabelo “é submeter-se a ditos, ordenamentos, concepções eugênicas e negação de si quando, nem se conhece o ser” (Santos, 2019, p. 17). Os relatos das entrevistadas mostram que o cabelo crespo é elemento imprescindível na construção de uma identidade negra pós-moderna. A principal questão aqui não é o alisamento e sim por que todos alisam? Conforme bell hooks (2005), o surgimento do movimento *Black Is Beautiful*, na década de 1960, encorajou vários afro-americanos a valorizarem suas características físicas. Também não podemos negar que a construção da identidade das mulheres negras, em relação ao cabelo natural, passou por processos de negação das características negras, de negação do corpo/cabelo, ação que ocorreu por mecanismos de introdução de inferiorização no ambiente escolar e familiar. Existe relatos de mulheres que cresceram ouvindo a mãe dizer que o cabelo delas é “ruinzinho”, são ambientes que as mulheres negras aprenderam, como todo indivíduo social, a pensar os cabelos crespos enquanto ruins e de difíceis cuidados (Santos, 2012, p. 17).

Diferentemente, nossa segunda Entrevistada não teve experiência de passar pelo processo de transição capilar, pois usou alisamento depois dos 15 anos de idade, e era para poder fazer penteado diferente. Ela lembra que usou o produto químico chamado TECB por decisão própria, mas, dias depois, voltou a usar trança, apesar de ter gostado do resultado do alisamento. “Quando alisei pela primeira vez, não vou mentir, gostei bastante até porque ficou mais fácil de fazer alguns penteados, porém achei bem mais difícil de manter um cabelo alisado, porque tem que ter um cuidado especial para ele não quebrar, por isso prefiro trançar e me acho mais bonita de trança do que cabelo alisado” (Entrevistada 2).

Sabemos que para os grupos africanos trazidos para as Américas como escravizados, no período colonial, o cabelo crespo representava um bem social de natureza espiritual, hierárquica e de outras distinções sociais”. Por conta dessa forte significação que o negro africano tem com o cabelo, os colonizadores os obrigaram a raspar o cabelo para evitar qualquer símbolo de comunicação ou algo de valor cultural daquele povo. A pele poderia até ser tolerada pelos senhores, até porque abusaram das mulheres africanas escravizadas, mas o cabelo tinha que ser raspado.

Porém essa concepção depois da colonização ganhou um outro significado, tanto no sentido positivo quanto no negativo para os descendentes africanos. Por isso é importante pesquisar quais as representações de cabelos estão no imaginário atual do negro e da negra. Ângela Figueiredo (2020, p. 7) destaca no seu texto que, já na década de 1970, há inclusão das discussões sobre o Apartheid no cenário mundial. Na mesma época, nasce o movimento de consciência Negra com Steve Biko na África

do Sul, propondo o fim da subalternização racial de negros com brancos e formulação de identidade negra consciente, que conhece, reconhece e valoriza a sua história, e resgatando suas memórias ancestrais.

Para Ângela Figueiredo, “em 1994, realizei estudo pioneiro acerca do significado da manipulação do cabelo dos negros, em que demonstrei a relevância do tema tanto para entender melhor a dinâmica da classificação da cor quanto o discurso sobre a construção da identidade negra” (2020, p. 3). O tema relacionado ao cabelo crespo é muito presente no cotidiano das mulheres negras, inclusive muitas dessas mulheres gastam uma boa parte do seu salário com produto para ter um “cabelo bom”, como muitas falaram ao relatar suas experiências com o cabelo na infância, na adolescência e até na vida adulta para poder garantir uma boa aparência aos olhos delas e aos olhos dos outros. Por isso, Figueiredo fala de estudo sobre o cabelo que permite não só apenas entender a concepção e a construção da beleza, mas também o mercado que gira em torno da manipulação do cabelo (2020, p. 3).

Pensando na modernidade e indo de encontro com as ideias de Figueiredo (2020), a Entrevistada 3, que teve sua infância em 2009, relata que hoje em dia as mulheres negras estão num processo de libertação do padrão do alisamento, no entanto estão vivendo uma nova era que é o padrão da finalização do cabelo, pois algumas mulheres que têm cabelo crespo ou cacheado sentem a necessidade de usar produto para finalizar o cabelo logo depois de lavar, para poder sair com ele sem frizz, (cabelo arrepiado sem hidratação) sendo que o frizz é uma característica própria do cabelo crespo e cacheado. “Quando saio com o meu cabelo sem finalização percebo que o jeito como as pessoas me olha é diferente, parece que sempre tem que sair com ele 100% finalizado, cheio de creme ou gelatina para os cabelos” (Entrevistada 2). A mulher negra parece que sempre tem algum detalhe no cabelo para se preocupar; nos anos 1960 até 1980 era mais forte a questão do alisamento, agora é mais a finalização dos cachos.

Com essa atitude, podemos afirmar que, por mais que se teve avanço com a questão dos produtos específicos para os cabelos crespos “afro” e na concepção do cabelo crespo natural, ainda existe a questão de nos adequar dentro de novos padrões que vão surgindo. Segundo ela, “é tudo por causa da aceitação dos outros sobre o nosso cabelo, e não podendo fazer que nem quem tem cabelo liso, que não precisa de muito processo no seu cabelo antes de sair para rua” (Entrevistada 2).

Para Entrevistada 6, que nasceu no ano 1998, com 13 anos ela decidiu pedir para a mãe dela para fazer “progressiva”, que é um outro tipo de procedimento químico. A mãe a levou para realizar esse procedimento num salão de beleza. Ficou surpresa, pois ela achava que ficaria igual um liso natural, mas, mesmo assim saiu de lá muito feliz, pois finalmente estava se encaixando no padrão da beleza definida pela sociedade. No entanto, a sua alegria durou pouco, pois assim que teve contato com outras meninas brancas de cabelo liso começaram a chamar o cabelo dela de “liso duro” e dali preferia manter o cabelo sempre liso, começou a usar “chapinha” com mais frequência, ficou nesse processo entre 2010

e 2011, depois teve corte químico, porque além de química, a chapinha era quente e muito agressiva para o cabelo dela.

Prendia meu cabelo e o rabo de cavalo mais parecia um rabo de gato, fiquei muito triste. Naquele mesmo ano, me levaram para colocar mega, pois no final do ano já era minha formatura da 8ª série, nessa época eu já tinha 14 anos. A primeira vez que eu coloquei mega eu fiquei muito feliz, um mega ondulado, comprido e cheio, eu me senti muito bem. Mas de novo eu ouvia comentários sobre os nozinhos que apareciam dos mega "o que é isso no seu cabelo", naquela época meados de 2012 e 2013 as pessoas (principalmente as brancas) não sabiam o que era mega hair, e quando sabiam falavam de maneira ofensiva que eu implantava cabelo e que eu usava cabelo falso, por isso não contava que usava e não deixava ninguém pegar no meu cabelo, tinha medo que caísse. (ENTREVISTADA 6).

O relato acima reflete a realidade de muitas meninas pretas que nasceram bem antes dela, meninas da época dela e depois dela e, a escola, como já foi relatado, é um dos espaços onde acontece ataque racista. Isso me fez lembrar de uma vez que uma cliente de 10 anos foi colocar tranças pela primeira vez num sábado. Na segunda feira, foi para a escola e na sala de aula sofreu preconceito por parte de colegas. Segundo a avó dela, ela chorou muito e tirou no mesmo dia. Ela, que havia colocado trança com intuito de parar com química, acabou voltando a alisar o cabelo.

Nota-se que isso acontece mesmo após a aprovação da lei 10.639/2003, que exige o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana dentro de salas de aulas. Pois quando nós, em salas de aulas referimos a escravos africanos, nitidamente nos equivocamos, pois ninguém nasce escravo: os negros africanos foram sequestrados brutalmente dos seus países de origem, onde eram Reis e Rainhas, para serem escravizados na diáspora. Esse termo escravo naturaliza a condição assim como fortalece a ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos. Ademais, nessa mesma visão, o negro africano aparece na condição de escravo e ainda passivo. A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história dentro de salas de aulas, destacando a cultura afro-brasileira na qual são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, como os/as intelectuais negros, brasileiros, e as mais variáveis culturas.

Por isso, Gomes (2003) faz um convite para que os professores procurem trabalhar em salas de aulas com aquilo que a Lei 10.639/2003 tem como objetivo: a cultura afro-brasileira no cotidiano da sociedade e não apenas em alusão ao 20 de novembro por este ser o Dia Nacional da Consciência Negra em homenagem ao dia da morte do líder quilombo negro Zumbi do Palmares. O dia também serve de reflexão e de luta contra qualquer opressão e preconceito racial no Brasil, e o cabelo trançado é a

identidade cultural da população negra. Por isso precisa ser ensinado e respeitado como tal nos espaços escolares.

Ademais, é importante saber lidar com a aparência natural, lembrando que, falar da naturalidade não está ligado necessariamente ao abandono do produto químico ou outros procedimentos que provocam a alteração do fio natural, mas antes, a naturalidade está associada à aparência, à maneira como a pessoa se assume e se apresenta, mesmo sabendo que o cabelo visto como natural é aquele que aparenta não ser manipulado. Além da aparência, a diferença entre a naturalidade e a não-naturalidade do cabelo é dada pelo uso de produtos químicos como relaxamento, alisamento, progressiva e permanente afro entre outros. Mas também temos outro exemplo: Figueiredo (2020, p. 3) destacou que é o caso das pessoas que usam Kanekalon – cabelo sintético, Mega hair para aumentar e dar mais volume ao cabelo considerado menos natural que o próprio cabelo.

Assim a Entrevistada 6 afirma que usou Mega hair durante 6 anos, com isso lembrou o gosto que fazia na compra do cabelo, assim como a mão-de-obra para a colocação dele. Só quando já tinha 20 anos e fazia um ano apenas que havia parado de usar “relaxamento na raiz” que uma amiga a incentivou a usar tranças: “a primeira vez que fui colocar tranças estava sem mega sem nada, ainda bem que era frio, coloquei uma touca e fui. Eu saí de lá arrasando e me senti linda, principalmente porque era um penteado totalmente diferente de todos que eu já tinha feito. Recebi vários elogios e ali percebi que o meu cabelo começou a se desenvolver.” (Entrevistada 6).

Um bom exemplo das mudanças ocorridas nesta época também é fornecido pela imprensa. O lançamento da revista Raça Brasil, em setembro de 1996, é um marco. De acordo com Roberto Melo, jornalista responsável pela implantação da Raça, “As vendas de Raça Brasil contrariaram três dogmas do mercado editorial: o de que os negros não têm poder de compra de produtos supérfluos; o de que revistas que trazem negros na capa não vendem e o de que o negro brasileiro não tem orgulho da raça. Após o lançamento da Raça, diversas matérias de jornais e revistas têm registrado o surgimento de produtos específicos para os negros, ou, produtos étnicos, como preferem (ENTREVISTADA 6).

Curiosamente, a descoberta do consumidor negro ainda se restringiu ao consumo de produtos para o corpo, quer sejam na forma de hidratantes, produtos para maquiagem, como por exemplo, sombras, batons e blushes, mas a grande maioria deles são para o cabelo. A estes produtos que visam, sobretudo, à manipulação do cabelo, a mídia tem denominado de produtos étnicos, ou seja, o consumo identificado como étnico ainda são os produtos de beleza. (Figueiredo, 2020, p. 7).

Sendo assim, temos ditos populares que marcavam muito essa rejeição aos fenótipos, existem inúmeros exemplos em que os pais rejeitavam o casamento inter-racial justificando que os negros teriam cabelo crespo, “cabelo ruim, duro”. Mesmo que muitos estudos antropológicos tenham apontado para o cabelo crespo como um elemento muito importante na construção corporal (Luane, 2000), essa afirmação nos demonstra o quanto o cabelo crespo também é objeto de preocupação para sociedades na diáspora e, mesmo assim, não descartamos a questão de comunicação e de identificação que o cabelo crespo serviu no continente africano e fora dele.

Os relatos acima também mostram que a transição capilar representa um processo rumo ao conhecimento de uma parte do corpo que já era, na maioria dos casos, desconhecida, já que o alisamento com química desde a infância acarreta, também, o desconhecimento do próprio corpo. O big chop que é último passo da transição capilar (grande corte dos fios alisado), algumas mulheres afirmaram terem demorado para conhecer o tipo de fio que tinham. Evidentemente que, com diferentes ressonâncias na vida de cada uma delas, a transição capilar significou uma mudança que foi muito além do cabelo. Diante de padrões estéticos racistas, essas mulheres foram privados da sensação legítima de autovalorização e do sentimento ativo e positivo de admiração e reconhecimento por parte dos outros. Assim, nos escritos de bell hooks (2005), “alisando nosso cabelo” fala de quando esperava pacientemente para chegar a vez dela de realizar o procedimento químico no cabelo, já que antes a mãe não deixava.

4. O CABELO NATURAL E AS TRANÇAS: IDENTIDADE, ESPAÇO PÚBLICO E RACISMO

Partindo da experiência como mulher negra, tranquista e pesquisadora, acredito que, nos salões, o cabelo crespo, que era visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho “*black power*”. Assim, podemos dizer que a construção da identidade negra se dá em diferentes espaços, como o espaço da casa, da rua, do transporte público, da escola, do trabalho; ou seja, na relação entre público e privado.

Nesse caso, o salão de beleza se tornou um espaço de compartilhamento das experiências parecidas, em especial experiências com o cabelo. Vários dos relatos se repetem; o mais comum é como elas se sentem com seu próprio cabelo ao sair na rua. Algumas se sentem julgadas, constrangidas e até com vergonha por ter cabelo crespos. Já ouvimos a fala do tipo “se eu pudesse mudar algo em mim, o meu cabelo seria a primeira coisa, na minha família eu sou a única que veio com cabelo ruinzinho” (Entrevistada 4). Também é o caso da Entrevistada 1, que lembra que sempre que tinha alguma coisa especial para participar, o cabelo era o que a incomodava, e sentia vergonha, por isso preferia usar o produto químico para tentar amenizar esse sentimento. Isso era no final dos anos 1950 e início dos anos 1960.

Para a Entrevistada 2, que é uma africana de N’gola (Angola) que nasceu em 1995, ela conta que uma vez ficou com vergonha quando era mais nova, fez trança até metade da cabeça e fugiu para brincar e não voltou para terminar de trançar, por isso a mãe dela cortou o cabelo: “já que você não gosta de trançar então vai ficar careca. Fiquei com muita vergonha, pois os colegas zombavam de mim e diziam que mulher careca não casa; senti vergonha de estar careca, isso sim” (Entrevistada 2).

Fora isso, ela nunca teve motivo para se preocupar com os olhares na rua ou nos espaços públicos por causa do seu cabelo. Para ela, é normal sair com o cabelo do jeito que quiser, trançado, sem trança, não importa, e até porque as demais mulheres também cada uma fazia do seu cabelo conforme a sua criatividade. Para quem é mulher negra que viveu no século XX, esse sentimento de vergonha que foi mencionado pelas entrevistadas não é de estranhar e nem é novidade.

Depois dessas falas, é importante frisar que os movimentos negros na década de 1970, quando começou a divulgação de ideias de consciência negra, evidentemente a partir disso se iniciou um sentimento de orgulho em ser negro, orgulho da sua cor de pele, dos seus traços físicos, como o nariz, a boca e os cabelos que são partes de ataques racistas. O corpo negro está exteriorizado o tempo todo, por conta disso é visto nesse período dos anos 60/70 como lugar de desconstrução de estereótipos e

construção de “beleza negra”. “O cabelo crespo do negro em especial tem sua ligação direta com a ancestralidade africana” (Gomes, 2019).

Assim, podemos dizer que a luta dos movimentos sociais aqui no Brasil deu resultado positivo, por conta disso que a Entrevistada 3, que é uma jovem que evidentemente teve a sua infância entre 2009 e 2014, como já foi mencionado, para ela a questão do sair com o próprio cabelo sem trança é diferente da época em que o alisamento estava em alta. Todavia, quando falamos das representações e imagens sobre o corpo/cabelo dentro das instituições e do racismo contra o negro ou ataques racistas com o cabelo crespo, a escola é um dos espaços onde isso acontece. Por isso, a escola, nos estudos de relações raciais e de identidade negra, tem sido apontada como instituição que inviabiliza construções positivas sobre ser negro (a). Ainda se perpetuam ideias e comportamentos discriminatórios e racistas. Exemplo disso é o que Carmen Santos, a pioneira do salão Trançarte, Carmem dos Santos, fundado por volta dos anos 1978 aqui em Porto Alegre, relatou: a experiência de uma cliente que avisou que não ia mais fazer tranças pois ia começar um curso no SENAC – RS e lá haviam dito para ela que por causa da higiene era melhor ela não colocar mais tranças. Esse é mais um dos infinitos exemplos racistas sobre as tranças.

Apesar de já considerarmos um avanço significativo com relação ao cabelo natural e tranças nos espaços públicos, como nos ministérios, nas grandes mídias, nos palácios entre outros lugares que antes não se via, não tão antigamente, a mulher preta frequentando esses espaços tinha que estar de cabelo alisado ou preso, pois era considerado rebelde e não apresentável suficientemente para estar nos lugares “civilizados” como cabelo liso. Foi o que senti nos relatos das entrevistadas, por isso, digo que hoje, no século XXI, é uma conquista vermos ministras, atrizes, deputadas, vereadoras, cantoras, professoras de diferentes áreas “usando” seus cabelos das mais diversas formas, trançados ou *black power*.

A Entrevistada 6 relata que sentia muita vergonha com o seu cabelo natural por causa da não aceitação de outras pessoas e automaticamente ela também não se aceitava, tanto que quando finalmente aceitou colocar as traças, como o cabelo estava solto, preferiu ir de Uber ao salão em vez de ônibus e ainda colocou a touca para que ninguém a visse. Para piorar, chegou e quando foi passar o cartão, este não funcionou, deixando-a mais nervosa. “Eu lembro que foi em 2017 e era num sábado e segunda eu teria que trabalhar. Saí do salão desesperada e fui para a parada pensando no que fazer. Eu tremia, afinal nunca tinha saído em público com meu cabelo natural, eu tinha 20 anos e era a primeira vez que conhecia meu próprio cabelo. Consegui dinheiro no mesmo dia com o meu pai e voltei trançada para casa” (Entrevistada 6).

Levando em conta essas questões, trouxemos para esse trabalho de conclusão uma discussão que Gomes (2002) já abordou sobre “educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo”. Por acreditar que, nos últimos vinte anos, foi muito preciso e necessário abordar dentro de sala de aulas a cultura afro-brasileira, e o cabelo crespo, seja ele trançado ou black, além de identidade negra, faz parte da cultura africana.

O ensino visa instruir crianças, adolescentes e jovens sobre a importância histórica da população negra que tem uma história rica e diversificada e não se resume somente na escravidão. História de pessoas que contribuíram muito para a economia, cultura e religião no Brasil. E, com certeza, a trança é uma das culturas africanas trazidas pelos negros sequestrados e trazidos como escravos. Isso precisa ser ensinado e apreendido como tal e não focar somente na história da escravidão como a única e exclusiva história do povo preto.

Esse sofrimento está marcado na fala de nossa Entrevistada 4 ao lembrar como se sentia com o cabelo na rua. Percebemos que o processo foi mais sofrido, como foi citado anteriormente, ela sentia vergonha com o cabelo dela, não só quando saía na rua, mas também quando ia no salão de beleza. É possível perceber que ela cresceu com a certeza de que o cabelo dela era indubitavelmente “ruim”, “rebelde”, “duro” e diferente do das irmãs. Segundo ela, o cabelo dela era o que mais dava trabalho, tanto que muito cedo aprendeu a cuidar do seu próprio cabelo para evitar passar vergonha com outra pessoa na hora de fazer procedimento.

Na minha época, não tinha muito o que fazer com o cabelo duro igual o meu sabe, para saber tive de fazer um monte de coisa no cabelo para ficar bem arrumada. Quando tinha que sair, botava brilhantina que é um produto para deixar o cabelo mais brilhoso e bonito e um outro produto que agora não me lembro o nome. Dependendo de onde ia, sentia a necessidade de ajustar o meu cabelo de um jeito diferente. E era uma preocupação porque com ele alisado não podia pegar chuva, que sofrimento”. (Entrevistada 4).

A Entrevistada 6 comentou que, muito recentemente, em 2021, começou a se relacionar com uma pessoa branca e que a sogra não gosta dela por ser negra. Chegou a falar para ela que não queria ter neto/a de cabelo crespo. Na base dessas informações, entendemos que isso se chama racismo, nesse caso não é com o tom da pele e sim com o cabelo. Racismo que também acontece no caso das relações inter-raciais, pois a preocupação dos avós ou outros membros da família é com qual será a identidade que a criança vai nascer?

Por um lado, ela lembra que a sua mãe sempre cuidou muito bem do seu cabelo, principalmente quando ela tinha que sair, a mãe fazia questão de arrumar o cabelo muito bem caprichado e ensopado de creme. Mesmo assim, ela se limitava na hora de brincar com outras crianças para não bagunçar o cabelo, “evitava de correr, de abaixar para pegar alguma coisa, tinha que ser com muito cuidado, às vezes me recusava a participar de algumas brincadeiras para não estragar o meu penteado” (Entrevistada 6).

Sendo assim, com base na discussão construída até aqui, podemos dizer que a identidade negra formulada pelas mulheres em torno dos cabelos e de seus corpos passou pelo que Gomes (2019) chamou de processo de rejeição/aceitação e ressignificação/recriação.

Assim, a nossa Entrevistada 5, que é natural de Guiné-Bissau, África, lembra que ela nunca tinha se preocupado com o seu cabelo como passou a fazer no Brasil. Nos relatos dela, deu a entender que ela ficou surpresa com a pergunta que foi feita a ela sobre como ela se sentia no meio das outras pessoas com ou sem tranças. Para ela, é diferente pois é algo com que nunca tinha prestado atenção, porém lembrou que percebe a diferença de recepção quando ela chega trançada: “as pessoas me elogiam quando tranço o meu cabelo” (Entrevistada 5).

Antes de vir para o Brasil, para mim, sair com o meu cabelo nunca foi uma preocupação até porque lá todo mundo tem cabelo igual, só usava diferentes tranças ou penteado para diferentes ocasiões, fora isso nunca parei para pensar nisso, né, ou sentir desconfortável por causa do cabelo, para mim é indiferente essa questão (Entrevistada 5).

Por isso, no texto “Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras”, Santos (2012) entende que o cabelo crespo da mulher negra tem sido visto em muitos estudos antropológicos como um elemento importante de construção corporal. O cabelo crespo, para a população negra, exerce um papel de comunicação, de linguagem, expressando símbolos de hierarquia social, distinção de gênero, posição social, religião entre outros papéis sociais.

Diante disso, faz muito sentido reforçar o conceito da identidade. Segundo Santos (2012, p. 4) é “preciso entender que as identidades negras brasileiras são oriundas de diversas culturas africanas que aqui chegaram com o tráfico de escravos”. E falar em identidade negras é entender que não existe uma forma única e sim ela pode ser expressa de diversas formas, e uma forma mais acessível de mostrar esse fenômeno sem dúvida é por meio da diversificação cultural, das danças e religiões de matriz africana em Porto Alegre, como por exemplo: Congo, Coco Tambor de Crioula, Maracatu, entre outras danças. Assim como no meio religioso, o Candomblé, o Xangô, a Umbanda e o Voduns-Jeje são originários dessa presença africana no Brasil (Santos, 2012, p. 5).

Todas essas características listadas acima nos ajudam a entender o quanto a cultura negra está e faz parte desse conjunto de culturas que simbolizam a identidade nacional. Ao mesmo tempo, essa identidade nacional é elitizada, por isso ressalta mais a contribuição do colonizador enquanto as culturas negras são vistas em segundo plano como algo de menor importância. Não podemos negar que a identidade brasileira negra é composta por herança ancestral africana vindo não só de um lugar, mas de diversos lugares do continente junto com povos africanos sequestrados e escravizados.

Assim como qualquer outra identidade, a identidade africana é visível, visível e escrita no seu cabelo, no seu corpo, na sua cultura e nas suas crenças. Dessa forma, por onde uma pessoa negra for, levará junto a sua identidade, só que nem sempre é aceita com suas características fenotípicas sem sofrer aquilo que Silvio Almeida (2019) chama de “racismo estrutural“. A escola é uma das instituições onde aparecem as questões de raça, racismo e racionalização; é nela que as culturas e identidade demarcam seu espaço territorial, nas faculdades e nas empresas de serviço público ou privado.

Também é importante lembrar que a identidade de um indivíduo só existe perante a relação com outro indivíduo; ou seja, ela é social, é permeada pela diferença sobre o outro. Agora quem é esse outro? Entre outros elementos que são fortemente apontados como característica do negro, o corpo é um deles. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos servindo de fundamento para a identidade. O autor Frantz Fanon (2008) é pioneiro em escrever sobre a violência racista ao nível singular. Além disso, ele compreendeu que o corpo é uma barreira indisfarçável para a construção das relações de opressão ao conferir materialidade (visual) ao racismo. E para as mulheres negras africanas ou afrodescendentes o elemento corpo serve como uma poderosa ideologia racista, se torna um dos elementos-chave para compreender a relevância do cabelo trançado como uma marca identitária e cultural.

Nesse sentido, os movimentos negros na diáspora tiveram seu papel fundamental para que algumas mulheres negras tomassem a decisão de assumir seus cabelos crespos, processo que para uns foi longo e dolorido, tanto que umas recorreram às tranças para passar por processo de transição capilar, outras tiveram que raspar seu cabelo. O cabelo da cabeça é um forte elemento construtivo por aparecer e ser lugar de diferentes simbologias na cultura africana. Ele tem um papel muito importante na construção identitária, não é à toa que é visto e é colocado como alvo de discriminação racial.

Baseada na realidade do dia a dia da população negra, o cabelo crespo é alvo de questionamentos por seus diversos usos, seja alisado, trançado ou em forma “afro”. Vale ressaltar a minha visão como pesquisadora: deixar cabelo “afro” não é só resultado de discussões políticas e sim um estar bem consigo. Necessariamente, deixar a prática do alisamento não é somente um ato de discurso político, mas também de busca de práticas corporais, de tomada de consciência de que não se precisa de produtos químicos que descaracterizam as características físicas dos sujeitos.

Hoje na atualidade, está em evidência um novo capítulo na história da resignificação da estética negra. Como um fenômeno transnacional organizado principalmente via WhatsApp e internet, a transição capilar vem sendo vivenciada de forma compartilhada com inúmeras mulheres no Brasil e exterior. O apoio e força compartilhada umas com as outras faz muita diferença na vida de cada uma. Assim, a transição capilar se tornou uma vivência conjunta e consiste na resignificação de cabelos que eram quimicamente tratados e agora a volta ao cabelo crespo natural.

Para chegar até a naturalidade, ou para se livrar da química, é necessário esperar pacientemente o crescimento de um cabelo 100% novo, e isso ocasiona duas “texturas de fios”, ou seja: contraste do cabelo alisado e o cabelo novo que cresce na raiz. É um dos momentos mais importantes e delicados desse processo, é justamente quando elas optam pelo corte do cabelo quimicamente tratado. Muitas das mulheres, inclusive, não conseguem esperar o crescimento do cabelo natural, como já foi citado acima, e optam por tranças, pelo BC (*Big Chop*), um grande corte, o que pode significar raspar a cabeça ou cortar bem curtinho. Processo muito difícil e que marca profundamente a vida e autoestima dessas mulheres, pois alguns já nem lembravam mais da textura do seu cabelo.

Por se tratar de uma prática comum e necessária entre as mulheres negras, a quebra da hegemonia discursiva teve a influência da internet, que levou milhares de mulheres negras, através de canais como o Youtube e Facebook, a compartilhar suas experiências, das mais doloridas e menos doloridas, criando redes de solidariedade sobre a transição capilar. Essas experiências apareceram muito fortemente no relato da Entrevista 3, que em 2019, com 10 anos de idade, já participava de um grupo de meninas crespas no colégio para partilharem tipos de creme, shampoo para cabelo crespo e cacheado. Porém, não se pode ignorar a influência e a continuidade dos movimentos sociais e, no caso dela, o apoio da mãe.

Apesar de casos atuais de resistência e conquista da valorização do cabelo negro natural, como o da Entrevistada 3, podemos afirmar que o corpo do sujeito negro compreendido no conjunto das entrevistas é sócio historicamente privado do espaço público. É um corpo intolerável aos olhos das ideologias do racismo até o ponto de autopunir-se para não acessar o espaço público livremente. Essa privação pode ser encontrada em diferentes entrevistadas da pesquisa.

5. O SIGNIFICADO DAS TRANÇAS NA ÁFRICA E NA DIÁSPORA

Ao abordar o cabelo trançado da mulher negra na África e em Porto Alegre, veremos que o mesmo tem várias nomenclaturas e significados distintos e que alguns podem entender como “moda”, mas para negras na diáspora e principalmente para as africanas, a tranças é cultura, e é ancestralidade. Em busca desse significado, além das entrevistas feitas, contamos com o depoimento da pioneira do salão de beleza Trançarte, fundado em 1978 na rua Cristiano Fischer, no Bairro Partenon, em Porto Alegre, um dos primeiros salões étnicos de trança africana da cidade (Figura 3).

Em texto publicado no livro “Nós, os afro-gaúchos”, Carmem dos Santos (1996), que é uma das primeiras profissionais no ramo de salões afro no Rio Grande do Sul, acredita que o processo histórico de negação com o corpo negro regulado teve seu rompimento, por mais que parcialmente, quando as ativistas do movimento começaram a trançar seus cabelos, no início dos anos 1980 no Brasil e, em particular, no Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Essa aderência de certa forma incentivou outras mulheres negras a fazerem o mesmo. Por isso, pode-se afirmar que a busca pelo penteado de tranças nagô em Porto Alegre ocorreu devido às organizações do Movimento Negro, principalmente do Movimento Negro Unificado (MNU), como já foi citado anteriormente.

Figura 3: Identificação da entrada do salão de beleza Trançarte.



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

É importante destacar aqui que, segundo Carmen, os movimentos abordaram várias questões políticas em diversos aspectos, englobando não só elementos políticos e econômicos, mas também abordando assuntos como a cultura, a diversidade, a identidade negra, o uso do corpo e da estética, que não se limitavam apenas ao discurso sobre estética branca.

Além de encontros nacionais, já promoviam feiras e festivais culturais, a exemplo do Festival Comunitário Negro umbi (Feconezu), realizado desde 1978, em Araras (SP). Em 1975, o Bloco Afro-baiano Ilê Aiyê foi pioneiro em criar a festa “Noite da Beleza Negra”, na qual é escolhida e eleita a rainha da instituição. Os trançados são um dos itens dos critérios de avaliação das candidatas (Santos, 1996, p. 53).

O texto da Irene “Pente, tesoura e chapinha”, traz uma narrativa histórica de uma jovem negra de 16 anos que nos anos 1950 em Porto Alegre, por não conseguir ninguém que aceitasse cortar os seus longos cabelos crespos, despertou nela espírito de empreendedora. Naquela época, existia salões, porém não era para pessoas pretas. Indignada com o comportamento de cabeleiros/as brancos/as que se recusaram a cortar o seu cabelo, se propôs a aprender o corte e, assim, começou a cortar cabelo dos familiares e amigas usando a garagem da sua casa. A não aceitação da parte dos cabeleiros tem nome e sobrenome: “racismo” por causa da sua raça e cor, e isso a fez se tornar uma especialista em cabelo afro.

Ademais, aprendeu o corte e penteado no cabelo crespo, inspirando nos cortes norte-americanos das cantoras do “Jazz” que ela via pelas fotos. Dessa forma, surgiu o primeiro salão étnico em Porto Alegre, fundado então pela Georgina Pinto, na rua Francisco Ferreira em plena colônia africana, para atender não só a sua necessidade, mas também a das demais mulheres negras no “são colorede”.

O que ela não imaginava é a aderência por parte do povo de porto-alegrense. Em curto tempo, a notícia se espalhou, atingindo mais pessoas. O procedimento que ela fazia no início era alisamento com pente quente e penteados sofisticados para festas. Era o procedimento mais comum. Anos depois, por volta dos anos 1970, começou a lançar um novo método para tratar o cabelo: o alisamento frio. O público que sempre queria ter “cabelo bom” aderiu logo; pessoas de diferentes idades, dos jovens até os mais experientes. Havia também o uso da tesoura marcel que servia para frisar os cabelos. O serviço era tudo voltado para ter um cabelo liso, que na época era o mais desejado. Ao mesmo tempo que tinha esse salão na grande cidade, quem morava no interior não tinha a mesma oportunidade e elas mesmas cuidavam do cabelo em casa “usando o óleo de mocotó misturado com duas gotinhas de alfazema ou água de colônia” e o pente quente que era aquecido no fogão a lenha. Tudo isso para poder encaixar no padrão da beleza definida pela sociedade da época.

Figura 4: Trança nagô.



Fonte: Elaborada pela autora, 2024

O hábito de trançar o cabelo vem sendo analisado em diversos estudos (Gomes, 2019) como forma de afirmação de identidade cultural principalmente na diáspora, resistência ao padrão estético hegemônico branco ocidental, além de ser visto como prática de cuidado herdada das tradições africanas que, fora de África, foram recolocadas para outras posições sociais ganhando outros valores no Brasil e no Rio Grande do Sul. As tranças carregam um valor cultural muito alto para a comunidade negra. Na África, a trança vai além da estética, é meio de comunicação entre etnias, e de identificação entre grupos étnicos e sociais, entre religião, ocupação social ou até o estado civil da pessoa. Nas américas, na época da escravidão, a trança serviu de fuga e de meio para sobrevivência, pois os escravizados colocavam

grão de semente no meio de cabelo afim de utilizar depois nos quilombos para plantação. Hoje continua sendo meio de sobrevivência, porém de forma econômica, pois muitas trançistas mulheres têm trabalhado como profissionais desse campo para conseguir seu sustento, assim como têm desempenhado papel importante no cuidado com a autoestima de outras mulheres negras; isso digo pela experiência na área que comecei a atuar profissionalmente aqui em Porto Alegre desde 2017 e vivo disso.

Assim, para ampliar mais a nossa pesquisa sobre diferentes penteados e significados das mesmas, analisamos penteados da região onde é a atual Namíbia. Para a tribo Mbalantu, muitas de suas tradições giram em torno do cabelo. Conforme as meninas e mulheres passam por vários estágios da vida, acontecem também cerimônias nas quais seus cabelos são preparados de maneiras específicas para refletir seu novo status de vida. As tranças Mbalantu, por exemplo, são conhecidas como “Eembuvi” e precisam ser trançadas e cuidadas a partir de antes dos 10 anos de idade para que possam atingir esse comprimento (Figura,5) ao longo dos anos.

Já as meninas por volta de 12 anos começam a cobrir os cabelos com grossas camadas de casca de árvores, finamente moída e óleos –uma mistura que dizem ser o segredo para deixar o cabelo crescer e chegar a esse comprimento. Detalhes: aqui a trança não é usada de qualquer jeito, pois a forma como as tranças são usadas vai simbolizar o status da mulher ou menina mais jovem. Tecnicamente os penteados são tecidos em tranças grossas durante a cerimônia de iniciação; tempo depois, os cabelos são amarrados em estilos elaborados como mostra a imagem abaixo:

Figura 5: Trança Mbalantu da Namibia.



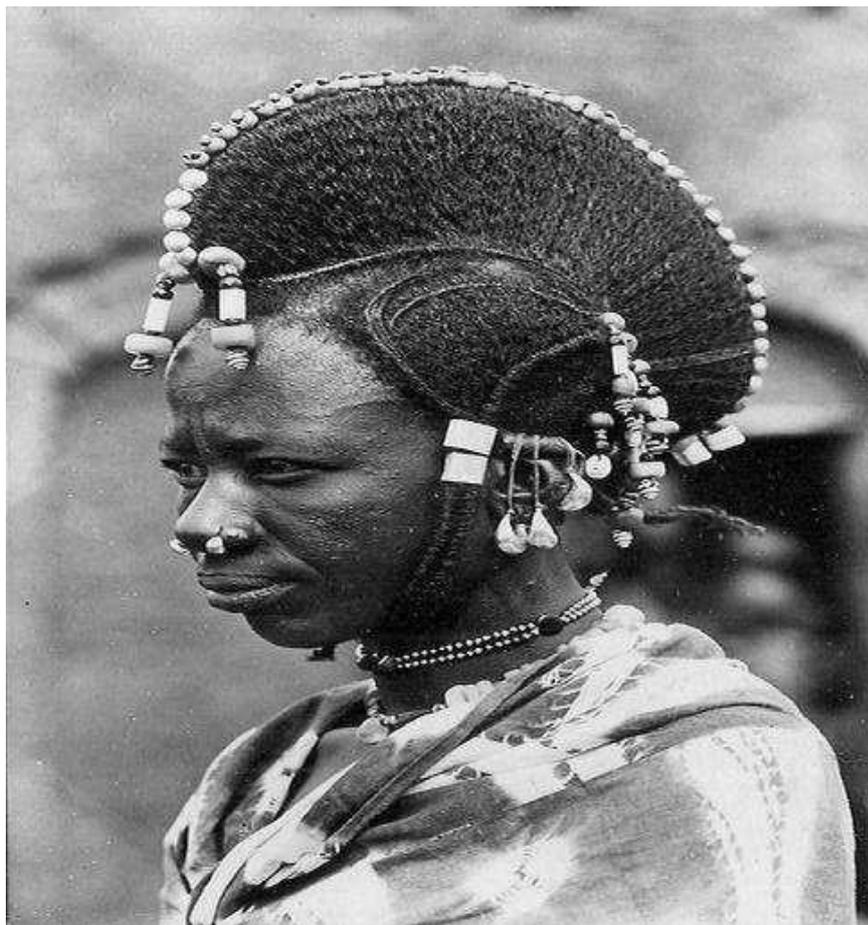
Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

Também a etnografia de Gomes (2006) lança olhares diferenciados sobre as práticas de cuidar dos cabelos desde os povos africanos aos afro-brasileiros, abrindo novos caminhos cognitivos sobre o modo como pensamos as práticas de trançar cabelos nas comunidades negras. Já para Carmem (2018), a trança para além de um penteado, também é uma arte, uma apresentação estética e nisso concordamos. Ao tratarmos do cabelo da mulher negra veremos que o mesmo tem vários tipos de texturas, denominadas, 2A, 2B e 2C (ondulados), 3A, 3B e 3C (cacheados) e 4A, 4B e 4C (crespos).

Enquanto na África essa diferenciação acontece nos infinitos penteados, e não necessariamente no próprio cabelo, por exemplo, a trança feita pelas mulheres fulani chamam a atenção pela sua “extravagância”. Usualmente, o cabelo é trançado com extensões, com uma única fileira de trança no meio com o penteado finalizado. As tranças são deliberadamente enfeitadas com moedas, conchas, contas e fitas metálicas. As mulheres fulani enfeitavam os cabelos com miçangas, conchas de cauri (búzios) e moedas de prata e âmbar. As moedas eram, inclusive, herdadas pelos descendentes posteriormente, reforçando o valor que elas davam a esses adereços. No livro “Edmond Fortier - Viagem a Timbuktu, Fotografias da África do Oeste em 1906”, editado por Daniela Moreau (2015), uma das fotografias mostram a imagem também de mulheres daquela região. Do mesmo modo, em Guiné-Bissau, essa trança é conhecida como trança de fulas, uma etnia da religião muçulmana. Em conversa por telefone em 2023 com uma amiga de Guiné dessa etnia, ela me explicou que “esse penteado é feito nas

noivas no dia do casamento e não pode ser feito por qualquer pessoa, apenas a tia da noiva pode fazer, a família do noivo dão todo enfeite que for preciso, inclusive a moeda que será colocada no cabelo”.

Figura 6: Trança tribo fulani ou fula em Guiné-Bissau.



Fonte: <<https://www.facebook.com/aneaf>>. Acesso em 16/01/2024.

A “tribo” Fulani ou então Fula, é um povo principalmente muçulmano espalhado por várias partes da África ocidental e se encontra onde atualmente é Guiné-Bissau, Nigéria, Senegal, Mali, Níger e Camarões. Na foto acima, dá para perceber que o próprio tratamento do cabelo está ligado ao corpo. Existe uma inseparabilidade, ou seja, não materialidade do cabelo; ele é uma continuidade do corpo por isso o tratamento do cabelo acompanha o tratamento do corpo. O penteado da imagem está com diferentes acessórios espalhados por toda cabeça, assim como em outros membros do seu corpo, como nariz, pescoço e a orelha. Dessa forma podemos dizer que o tratamento do cabelo está ligado ao corpo da mulher negra na África e na diáspora.

Figura 7: Trança da República Democrática do Congo.



Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

Como já foi citada anteriormente, a trança já fazia parte da cultura africana e era muito presente nas cerimônias importantes como casamento e processo de iniciação em alguns países da África. Dependendo da tribo, o processo começa bem cedo, desde o processo para deformar a cabeça até chegar nas tranças como veremos na imagem abaixo.

Figura 8: Penteados Mangbetu, da República do Congo.



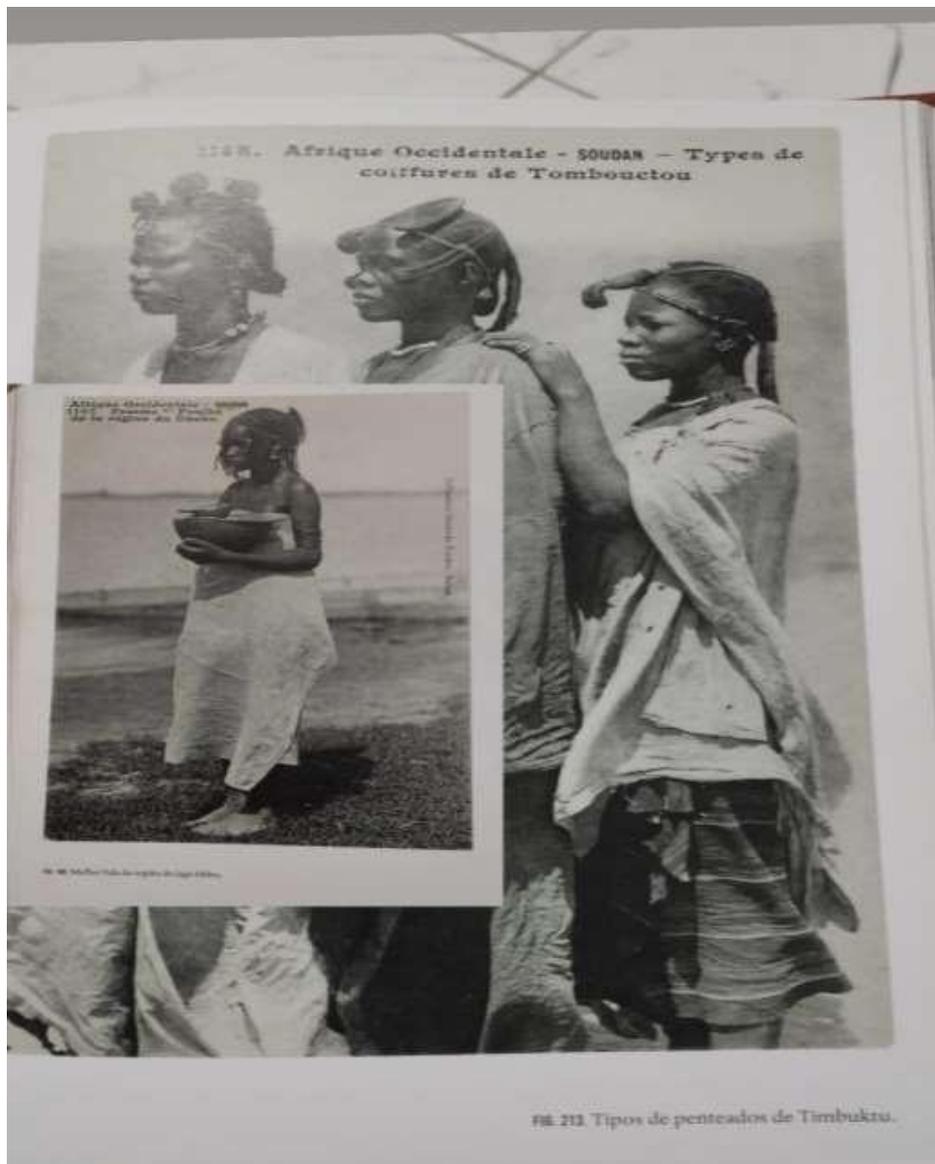
Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

Nesse penteado em formato de funil, as tranças são feitas seguindo o formato da cabeça. O penteado em forma de funil, que terminava em um halo externo, originalmente simbólico de status social elevado, foi considerado excepcionalmente atraente, apesar de não termos dados de quanto tempo demorou para ser criado, mas o que se sabe é que levou muito tempo, pois é uma arte que é feita manualmente. Dos ornamentos que embelezavam os penteados dos Mangbetu e grupos étnicos

relacionados, os penteados eram reservados para as mulheres de diferentes idades. Por conta desse visual distinto, faz com que se torne mais fácil de reconhecer figuras Mangbetu na arte africana.

É importante lembrar que na maioria dos países africanos a trança servia como meio de comunicação, pois através das tranças as pessoas conseguiam identificar de que etnia ou região a pessoa pertencia, assim como outros significados que as tranças carregam. Ao ouvir o relato da Entrevistada 5, percebemos que para ela é indiferente sair na rua e ir aos lugares públicos com ou sem trança, já que cresceu num ambiente em que ninguém olhava o cabelo ou tranças como algo ruim ou não apresentável, a trança sempre fez parte do seu cotidiano, da cultura da vivência; a trança como ela mesma disse é sua “identidade”.

Figura 9: Penteados de mulheres com diferentes idades do oeste da África.



Fonte: Edmond Fortier, 1906: Moreau, Daniela, (2015, p.316-371)

O cabelo sempre foi privilegiado no cuidado da civilização negra africana. O cabelo como cuidado e uso de tranças está imbricado nos saberes sobre o cuidado da vida na sua plenitude. Dada essa base, cuidar de cabelo, na nossa contemporaneidade, veio a ser ação de resistência em razão de violência contra corpo negro tramada pelo racismo. Os relatos ilustrativos da história dos povos africanos, sobretudo da África de Oeste, mais especificamente o trabalho com fotografias de Edmond Fortier durante sua viagem para esta região conhecida como Timbuktu (região hoje corresponde a atual Mali), no ano de 1906, já apresentava conhecimento dos povos africanos sobre tratamento de cabelos como traço e saberes que expressam a antiguidade do uso de cabelos. Nesta obra, Daniele Moreau (2015) retomou estudos e apresentou os retratos de Fortier desta região, podendo ser considerada um dos importantes materiais para o conhecimento, ilustrativo, sobre os cabelos para os africanos/as e para a sua diáspora.

Na Figura 9 acima, podemos perceber a diferença entre as quatro mulheres, cada uma delas está com trança com detalhe diferente da outra e provavelmente pela aparência também as quatro têm idades diferentes. Nesse caso, é possível ver que a mais velha usa um penteado distinto do meio e das mais novas.

Figura 10: Penteado chamado tanavoho de origem Madagascar.

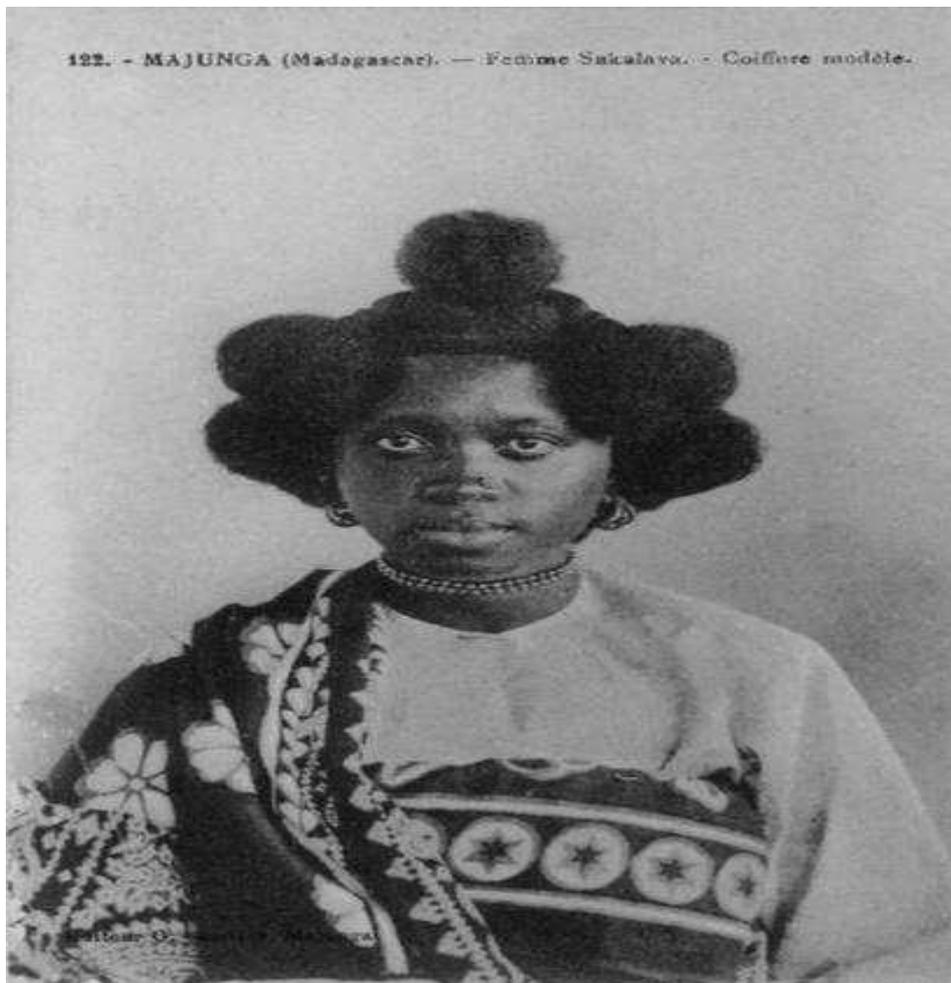


Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

Já em Madagascar, existe um penteado chamado tanavoho, que é uma trança de coroa, formada por tranças ajustadas ao topo da cabeça e finalizadas com um botão “afro puff”. É muito usado pelos Malgaxes, especificamente pelos grupos Sakalava e Betsimisaraka. Para esses grupos os penteados são uma linguagem ancestral que permite codificar situações, hierarquias e funções a partir da sua modelagem, da divisão do cabelo e da forma como é feito. Por isso que a manifestação da ancestralidade se corporifica em cada detalhe do trançar cabelo que vai muito além da estética e é arte. Como existe diversidade, cada tipo tem sua especificidade bem distinta do outro, assim como tem o seu significado de acordo com a diversidade e costumes de cada grupo étnico ou de cada tribo.

Importante ressaltar que, antigamente em alguns países africanos, as diferentes formas de penteados são utilizadas conforme a idade, estado civil e circunstâncias diversas, como cerimônias, celebrações familiares, demonstrações rituais, como já citado anteriormente. Essas tradições são seguidas tanto para as mulheres como para os homens durante a mesma cerimônia; as meninas, os meninos, os adolescentes, as mulheres, os homens e os idosos usam penteados diferentes que não caberia mostrar tudo aqui, porém veja algumas imagens a seguir.

Figura 11: Penteado tanavoho da mulher mais jovem de origem Malgaxes (Madagascar).



Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

Como já foi relatado, as mulheres usam penteados elaborados e exclusivos de uma determinada etnia e carregam um significado enorme. É o caso da imagem que veremos abaixo do povo de Mwila. Os estilos de cabelo com aparência de dreadlocks não são apenas para a estética, vai muito além disso. Diferentemente, algumas mulheres em Porto Alegre fazem trança para passar por transição capilar ou para outros fins, como é o caso da entrevistada 6: “Ah eu uso trança porque para mim é mais prático, acordo sempre pronta para trabalhar e economizo bastante creme, o tempo é prático usar trança”.

Figura 12: Penteados nontombis mulher e jovem do sul de Angola de etnia Mwila.



Fonte: <<https://negrascabecas.art/etnias>>. Acesso em 14/01/2024.

As tranças da foto acima, conforme a pesquisa feita no site negrascabecas.art/etnias, são chamadas de nontombi, e o número de nontombis na cabeça de uma mulher tem um significado específico. Mulheres ou meninas geralmente têm quatro ou seis nontombis. Quando você avista uma mulher ou uma menina com três nontombis, isso significa que alguém morreu em sua família. As tranças nontombis são sinal de luto de acordo com o número das tranças que são feitas na cabeça. Vale esclarecer que isso ocorre no sul de Angola. Um outro detalhe que é importante de ressaltar é o material utilizado para tingir o nontombi: as mulheres misturam “ocre” ou uma pasta vermelha chamada “oncula” derivada da pedra vermelha triturada.

Todavia, no livro “Memórias da plantação”, de Grada Kilomba, ela fala muito fortemente da questão do tocar no cabelo natural de pessoas negra. Narra a história de Alicie, que dizia:

Eu realmente odiava quando as pessoas tocavam no meu cabelo, pois o toque é disfarçado de elogio “que cabelo lindo ah que cabelo interessante olha o cabelo afro” e eu tocava eu me sentia como um cachorro sendo acariciado com um cachorro eu não era cachorro eu era uma pessoa eu não gostava quando eu era criança minha mãe nunca lhe dizia para parar embora eu tive você explicar para ela que eu não gostava daqui mas ela não conseguia entender porque não gostava sim mas seu cabelo é diferente e as pessoas só estão curiosas ela não entendia porque não gostava eu nunca trocava o cabelo de alguém daquela forma por nada quero dizer como alguém pode fazer isso: Aqui dizendo para Alicie que ela é diferente mas quem é diferente? Eu pergunto novamente:

Alice é diferente daquelas que toca seu cabelo? Ou ao contrário aquelas que se toca seu cabelo são diferentes dela quem é diferente de quem uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela é diferente daquelas que há tem o poder de definir como norma. A mãe branca da Alice não vê assim mesmo como diferente uma vez sua filha como tal, ou seja, não é diferente de tornar-se um processo de discriminação, a diferença é usada como uma marca para invasão certo cara assim como ser interrogado é uma experiência de invasão uma violação que para Alice parece e nem imaginava eu nunca trocaria o cabelo de alguém por que ela tocaria o cabelo de alguém que não conhece porque toca aquelas que toca ou dizem interrogatórios marca na Alice. Apesar dos comentários amigos que às vezes parecem positivos a relação de poder entre aquelas que tocam na Alice que está sendo t tocada ainda assim permanecem bem como papel depreciativo e tornar-se um objeto público. (Quilomba, 2018, p.124).

Figura 13: Trança “coque” pode ser imitação do penteado Mangbetu, da República do Congo.



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Trança (Figura 13) conhecida hoje na modernidade como “coque” pode ser imitação do penteado Mangbetu, da República do Congo ou então uma coroa e quem usa é rainha. O penteado na atualidade pode estar ligado à estética, espiritualidade, memória, história, troca ou até à moda, ao belo; tudo isso pode ser atribuído às tranças ou pode ser visto dessa forma de acordo com o lugar e a cultura local. Mesmo assim não deixa de carregar o valor ancestral.

No livro “Ensinando a transgredir”, bell hooks (2013) traz a diferença de educar para liberdade e educar para dominação. Isso porque na infância dela, passada no sul dos Estados Unidos, onde existia escolas segregadas, ou seja, escolas para negros e escolas para brancos, o ambiente escolar era percebido como um lugar de descoberta, de libertação. Enquanto no final da segregação, em que as escolas passaram a ser mistas, a bell hooks começa a perceber a escola como espaço de dominação, pois em sala de aula começa a aparecer a questão da dominação, os professores trazem as lições de modo estereotipado e racista. Na faculdade, ela percebeu esse ambiente como um lugar de obediência à ideia do branco, por conta disso na pós-graduação ela se sentiu a necessidade de ser uma pensadora livre, já que na faculdade não tinha espaço para falar dela, da sua história como mulher negra. bell hooks nos faz

questionar sobre que lugar queremos ocupar dentro de sala de aula. Ela ainda defende a ideia de que é preciso valorizar a ideia de uma pessoa, e não a sua personalidade.

Em vista disto, no livro “Esse cabelo”, da autora Djaimilia Pereira de Almeida (2017), que é filha de mulher negra angolana e de pai branco português, ela fala da sua experiência com o cabelo, que ao sentar-se para trançar o cabelo levou mais de 9h para fazer durante a noite. Almeida acredita que a sua ligação com o cabelo começou naquele dia com a moça que o trançou, mesmo que não fosse da família, seu cabelo é o que a liga diariamente aos seus ancestrais. Além das tranças, Almeida também reconhece que o cabelo dela faz ela ter a ligação diariamente com a sua história.

Na obra, a autora conta que passou por um longo período de esquecimento dos seus cabelos, “identidade”, isto é, das suas raízes que não eram portuguesas, pois ela cresceu em um meio com privilégios, de acesso à educação e boas oportunidades, e isso contribuiu para que demorasse para se assumir como negra. Apesar de existir uma diferença fundamental aos olhos da sociedade, ser uma mulher negra, mestiça, vivendo em Portugal. Segundo Almeida (2017), a reflexão tem início em seus cabelos e caminha até um corpo conflitante, mas contribuiu para trazer à consciência percepções que ela já tinha além de desconfortos que já sentia.

Portanto, o leitor pode perceber que, nesta seção, fizemos uso das ilustrações, alguns da nossa própria autoria, outros de acervo e de uso público. Foi possível perceber que cada imagem usada no texto é um texto, porta um discurso, porta uma identidade, uma sabedoria ancestral, existente e resistente aos modos operandi tanto do racismo como do mercado. Como também foi possível perceber as mudanças na construção do belo sobre o cabelo e o próprio cabelo passou a não ser reduzido simplesmente como extensão do corpo, mas também como o corpo em si.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, percebemos que a manifestação da ancestralidade africana e a construção da identidade das mulheres negras passam pelo ato de trançar os cabelos da população negra a partir da perspectiva histórica. O cabelo é manifestação, identidade e reconhecimento da ancestralidade carregada na cultura negra. O ato do trançar está além da arquitetura para o belo. Portanto, o ato em si constitui “arqueologias de saberes” que tendem a se diversificar de povo para povo.

A experiência de abordar esta temática possibilitou evidenciar a importância de que pesquisadores, professores e educadores encontrem novos espaços de diálogo sobre um assunto como este, por muitos desprezado. Assim, cabe aos professores ajudar a criar espaços de diálogos pedagógicos que contemplem o cuidado do cabelo, não só no seu ponto de vista higiênico e estético, como também no sentido de uso de tranças de cabelos de pessoas negras.

Aos pesquisadores/as, por mais que exista estudos sobre racismo, ainda parece ser exigido incentivar práticas de pesquisa e conhecimento de história e sentidos destes na corporeidade, tanto no continente africano como na sua diáspora. Para tanto, o diálogo com autores que foram citados, as entrevistas feitas com mulheres negras porto-alegrenses, parece espaços que fortalecem a importância na minha pesquisa para a conclusão do Curso.

A vergonha das crianças e adultos negros com seus cabelos é algo que era muito presente no dia a dia da mulher negra, porém não constitui subalternização no corpo delas, por mais que a relação com o cabelo para a maioria das mulheres negras tenha sido um processo difícil até descobrir a sua identidade, assim como o aprender a cuidar do seu próprio cabelo de forma natural, sem o alisamento bem antes dos 12 anos. Dessa forma também, presumo-me que, o conhecimento sobre nosso cabelo além de nos permitir tratá-lo, possibilita certa potencialidade de enxergarmos o mundo e ser enxergamos a partir dos olhares que não nos subalternizam e nem tão pouco conforme nossos corpos, nossas belezas à espaço de violência e redução da nossa humanidade, ancestralidade com brilho negra. Com o trabalho de Gomes (2019), somos estimulados(as) a refletir sobre corpo e cabelo crespo com suas características próprias, por mais que nos relatos apareçam diferentes experiências e significações; para algumas, o cabelo crespo é vergonha, é relação de amor e ódio, é difícil, é resistência. São várias nomenclaturas que são atribuídas conforme o olhar de cada uma.

Lembrando que a concepção e as experiências que as jovens negras têm hoje com relação ao cabelo crespo é diferente, pois estamos em outra era, depois de muita luta dos movimentos sociais negros dos anos 1960-80, tanto nos Estados Unidos como também no Brasil. Hoje é mais comum reconhecer que o cabelo, seja ele natural ou trançado, está ligado à questão identitária. O cabelo crespo, que antes era sofrimento para algumas, tornou-se motivo de orgulho. O padrão da beleza era cabelo liso, tanto que

para a mulher negra frequentar lugares públicos, principalmente de alto nível, tinha que estar de cabelo preso. Podemos dizer que conquistamos um avanço: o cabelo natural, assim como a trança, está sendo usado nos espaços reconhecidos, como na mídia; está sendo usado pelos profissionais, na câmera dos deputados, nas assembleias; está sendo usado pela ministra da igualdade racial do Brasil Anielle Franco entre outras pessoas negras de destaque. Algo que 20 anos atrás talvez fosse raro.

É importante levar em consideração que a não aceitação do que somos tem a ver com as vivências pessoais, desde a infância, e que a construção da nossa identidade se dá na infância. A maioria das meninas negras cresceram ouvindo que os cabelos delas não eram apresentáveis, por isso preferem alisar para estar mais apresentável. Importante frisar que essa concepção era mais na diáspora, no continente africano as mulheres alisavam sim o cabelo, porém era mais para facilitar na elaboração de algum penteado como relatado pela Entrevistada 2 que é africana. O que estava mais presente na cultura africana é a trança. A trança com infinita possibilidade e significado, o designer é tão importante quanto a arte de trançar.

Em vasto processo de estudo do corpo que não se resume a tratamento unicamente do cabelo, como uma parte materializada e estética do corpo. Mas sobretudo engloba um imenso processo de relação de cuidado com o corpo, que hora pode estar relacionada com espiritualidade, pode estar ligado à estética que marca a vida do usufruidor, também pode estar ligada ao mercado e pode ganhar a utilidade política na afirmação da identidade e relação face ao racismo na sua prática de exclusão no espaço público.

Tratar a importância de passar pelo processo de transição capilar e assumir o nosso cabelo natural, por mais difícil que seja para algumas, é uma decisão precisa e necessária. Na década de 1960-70, quando começaram os movimentos sociais na diáspora, foi uma luta difícil de persistência e de muita coragem para quebrar os paradigmas que a sociedade plantou e as pessoas negras tinham que se encaixar.

A pesquisa me colocou em contato com as mulheres negras porto-alegrenses e africanas residentes em Porto Alegre de diferentes idades, que lutaram e continuam lutando para assumir a sua identidade e cultura através das tranças africanas e seguem resistindo, demarcando suas diferenças entre os diferentes. Foi uma conquista a criação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório levar para dentro da sala de aula a cultura africana e afro-brasileira.

No entanto, em virtude do tempo e por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, os depoimentos foram limitados e as análises sobre os depoimentos também; portanto, este trabalho está longe de ter um fim, é só um começo.

É possível perceber que existe a privação do corpo das mulheres negras, de não ser exaltada no espaço público, e este se manifesta pelos mecanismos discursivos do racismo. Mas também este corpo resiste para sua plena exaltação, como também busca resistir às indústrias químicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais, História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

BRITO, Alan Alves. **Antônia e os cabelos que carregavam os segredos do Universo**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2022.

BRASIL. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, 2003.

FREITAS, Geisiane Cristina de Souza. **Cabelo crespo e mulher negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra**. 2018. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <<https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/995>>. Acesso em 24/08/2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001249681>>. Acesso em 25/08/2023.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – União de escritores Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <<https://coletivomarias.blogspot.com/search?q=alisando>>. Acesso em 25/08/2023.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREAU, Daniela. **Edmond Fortier Viagem a Timbuktu: fotografias da África do Oeste em 1906**/ Daniela Moreau; prefácio de Paulo F. de Moraes Farias; Pedro Jezler, editor. – São Paulo: Literart, 2015. p. 316-372.

MovimentoNegroUnificado. Disponível em: <[https://wikifavelas.com.br/index.php/MovimentoNegroUnificado\(MNU\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/MovimentoNegroUnificado(MNU))>. Acesso em 7/01/2024.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf>. Acesso em 08/09/2023.

SANTOS, Denise Bispo dos. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12526>>. Acesso em 25/08/2023.

SANTOS, Carmen Marilú Silva dos. Penteados afros: Manifestação de Consciência Político cultural no RS 1980–1993. In: Euzébio ASSUMPÇÃO; Mário MAESTRI FILHO (orgs.). **Nós, os afro-gaúchos**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996.

SANTOS, Luane Bento dos. **“Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras!”**. A construção de identidade capilar para mulheres negras no Nível Superior. Monografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RECURSO ÁUDIO-VISUAL

SÉRIE: A Vida e a História da madame C.J. Walker/ kasi lemmons/ Netflix / SpringHill Entertainment; Orit Entertainment; Wonder Street; Warner Bros: 2020.

**ANEXO 1. DADOS SOBRE AS ENTREVISTAS COM MULHERES NEGRAS
RESIDENTES EM PORTO ALEGRE (2023 PRESENCIAL)**

* Entrevistada: 1

Data da entrevista: 13/11/2023

Local de entrevista: Bairro São José Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

* Entrevistada: 2

Data da entrevista: 13/11/2023

Local de entrevista: Bairro São José Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

* Entrevistada: 3

Data da entrevista: 16/11/2023

Local da entrevista: Bairro Agronomia, Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

* Entrevistada: 4

Data da entrevista: 16/11/2023

Local da entrevista: Bairro Agronomia, Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

* Entrevistada :5

Data da entrevista 21/11/2023

Local da Entrevista: Bairro Centro, Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

* Entrevistada: 6

Data da entrevista 21/11/2023

Local da Entrevista: Bairro Centro, Porto Alegre/RS Transcrição: Marisa Sanha

ANEXO 2. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Fale um pouco do que significa o cabelo para pessoas negras?
2. Percebe que existe alguma percepção de cabelo próprio nas pessoas negras? (Como as pessoas negras lidam com o próprio cabelo? Como você lidava com o seu cabelo na infância?)
3. Como se sente quando você sai na rua (ir para o mercado, entrar no ônibus ou festa) com seu próprio cabelo?
4. Alguma vez você chegou a usar produto químico para alisar seu cabelo? Se sim, com que idade e como foi essa experiência? Se não, me fala um pouco como foi essa decisão.
5. O que você compreende sobre cabelo crespo natural na atualidade?